

## CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA NA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA CEGA: CONTRIBUIÇÕES À AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

---

RENATA FONSECA LIMA DA FONTE\*

---

### RESUMO

Este artigo propõe investigar o funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega. Com base na perspectiva sociocognitiva, proposta por Tomasello (2003), realizamos uma investigação longitudinal, na qual filmamos interações cotidianas ocorridas com essa díade, em ambiente domiciliar, no período de aproximadamente um ano. Nossos dados revelaram que cenas de atenção conjunta constituem momentos privilegiados para a aquisição da linguagem pela criança e que o funcionamento da atenção conjunta com a criança cega ocorre pela inclusão do toque e da voz, recursos primordiais para a inserção da criança na linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** atenção conjunta, aquisição da linguagem, cegueira.

---

### INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre a atenção conjunta e suas implicações na aquisição da linguagem são recentes no cenário de pesquisa científica mundial. Foram introduzidas nas décadas de 1970 e 1980 do século XX por Bruner (1975, p. 255-287; 1983, p. 17-134), na perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento. Nesse mesmo contexto teórico, Trevarthen (1979, p. 321-347) estudou a noção da intersubjetividade a partir da qual a habilidade de atenção conjunta se desenvolve. Vale ressaltar que a intersubjetividade primária funciona como primórdios da atenção conjunta e a intersubjetividade secundária é a atenção conjunta propriamente dita.

---

\* Professora e pesquisadora do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.  
E-mail: renataffonte@gmail.com

Em seus fundamentos, Bruner (1983, p. 70) defendia que o estabelecimento de episódios de atenção conjunta favoreceria as vocalizações da mãe e posteriormente da criança, logo repercutiria no processo de aquisição da linguagem. Desse modo, a atenção conjunta e a ação partilhada estariam na base desse fato e preparariam a criança para a aquisição da sintaxe.

Outros pesquisadores se interessaram em estudar a atenção conjunta, situados em diferentes vertentes teóricas, como na Psicologia do Desenvolvimento, na ciência cognitiva, com contribuições de psicólogos e primatologistas, na Linguística, na Psicolinguística ou na Filosofia, entre outras. Dentre esses pesquisadores encontram-se Trevarthen (1979, 1998, 2005), Tomasello; Todd (1983), Tomasello; Farrar (1986), Dunham; Dunham; Curwin, (1993), Baron-Cohen (1995), Butterworth (1995), Dunham; Moore (1995), Baldwin (1995), Sigman; Kasari (1995), Carpenter; Nagel; Tomasello (1998), Tomasello (1995, 2003), Carpenter; Tomasello (2000), Bigelow (2003), Behne; Carpenter; Tomasello (2005), Eilan (2005), Miguens (2006), Kaplan; Hafner (2006), Jones; Carr; Feeley (2006), Tomasello; Carpenter (2007), Mundy; Newell (2007), Akhtar; Gernsbacher (2007), Aquino; Salomão (2009), entre outros.

Segundo Eilan (2005, p. 1), os estudos sobre o fenômeno da atenção conjunta, inicialmente estudado por psicólogos do desenvolvimento, foram impulsionados pelo interesse no desenvolvimento da comunicação pré-verbal infantil e no início de uma comunicação verbal durante o segundo ano de vida da criança.

Aquino e Salomão (2009, p. 233-234) constatam que, apesar de os autores, em geral, partirem de caminhos e perspectivas diferentes para estudar a atenção conjunta, há algo que os une: o fato de conceberem a atenção conjunta como uma das bases da cognição social e da aquisição da linguagem.

Ao estudar cenas de atenção conjunta, Tomasello (2003, p. 86-89) propõe algumas capacidades relevantes da atenção conjunta, entre as quais se destaca o acompanhamento do olhar – olhar para onde o adulto está olhando e o acompanhamento do gesto de apontar, realizado para compartilhar a atenção para algo.

No processo de interação de atenção conjunta, vislumbramos o uso multimodal da linguagem mediado por gestos, olhar, vocalizações e prosódia.

Com foco nas especificidades da cegueira, alguns elementos multimodais da linguagem não poderiam estruturar a interação de atenção conjunta entre a mãe e o filho cego. Por exemplo, a troca de olhares e os gestos, que dependem da visão para serem percebidos e representados, não funcionam como mediadores desse tipo de interação, pois as crianças cegas, por sua limitação visual, não podem desenvolver essas capacidades de atenção conjunta. Considerando essa problemática na cegueira, pode surgir este questionamento: não existiria atenção conjunta entre a mãe e a criança cega?

Explicações teóricas a esse respeito praticamente não têm sido encontradas. Mas, alguns estudos têm mostrado que, apesar da falta de visão, há atenção conjunta nas crianças cegas. Baron-Cohen (1995, p. 50) sugere que a atenção conjunta pode funcionar, por meio do tato e da audição, na criança cega. Bigelow (2003, p. 259-275) procurou investigar quando e como a atenção conjunta emerge em crianças cegas, constatando que apresentam atraso e dificuldade em relação à atenção conjunta e que, para interpretar o foco de atenção dos outros, dependem primariamente da informação auditiva e tátil. Sousa, Bosa e Hugo (2005, p. 355-364), em seu estudo, verificaram a ocorrência do espectro do autismo e os comportamentos da habilidade de atenção conjunta em crianças com deficiência visual, comparando com crianças típicas, também concluindo que comportamentos de atenção conjunta estão presentes nos diferentes grupos.

Considerando a lacuna de estudos para explicar o processo de atenção conjunta na criança cega, interessamo-nos estudá-lo nessa condição singular. Dessa forma, o objetivo principal deste estudo é investigar o funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega, de forma a refletir sobre a relação entre cenas de atenção conjunta e a aquisição da linguagem da criança cega. Para isso, analisamos esse processo a partir do funcionamento do toque e da voz/fala.

Com base na inter-relação entre a atenção conjunta e a aquisição da linguagem, estudar o funcionamento da atenção conjunta na criança cega possibilitaria também compreender o seu acesso à linguagem. Logo, nossa proposta de estudo poderá delimitar um caminho privilegiado para se pensar no trabalho com a família e a escola, que favoreça o desenvolvimento da linguagem pela criança cega, de forma que seu engajamento na interação dialógica ocorra de forma contextualizada,

favorecendo que ela desenvolva capacidades de atenção conjunta e de participar das interações, sem que o impedimento visual deixe-a alheia a essas situações e prejudique a sua trajetória linguística.

## CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Cenas de atenção conjunta são definidas por Tomasello (2003, p. 135) como interações sociais nas quais a criança e o adulto prestam conjuntamente atenção a uma entidade externa por um período razoável de tempo. Assim, nosso estudo focará em interações desse tipo.

O termo *cena de atenção conjunta* é adotado por Tomasello (2003, p. 135-136) com o propósito de destacar dois aspectos que devem ser considerados no estudo sobre atenção conjunta. O primeiro está relacionado ao que compõe a cena de atenção conjunta, ao que nela está incluído. Essa inclusão envolve três elementos: a entidade da atenção conjunta (objeto ou ações), o adulto e a própria criança. O segundo aspecto diz respeito à compreensão que a criança possui de uma cena de atenção e de seu papel nessa interação; nesse ponto, a criança começa a adotar uma postura triádica, favorecendo a coordenação entre a entidade da atenção conjunta, o adulto e ela própria.

Conforme apresenta Eilan (2005, p. 7), pode-se afirmar que o termo *atenção conjunta* relaciona-se a um evento de dois (ou mais) sujeitos que, em conjunto, prestam atenção a um mesmo objeto. No entanto, essa noção apresenta como base estas quatro premissas:

1. Há um objeto que cada sujeito está prestando atenção a, que implica (a) uma conexão causal entre o objeto e cada sujeito, e (b) consciência do objeto por cada sujeito;
2. Há uma conexão causal de algum tipo entre as ações dos dois sujeitos de dirigir a atenção para o objeto;
3. As experiências dos dois sujeitos exploram sua compreensão do conceito da atenção;
4. Cada sujeito é consciente, em algum sentido, do objeto como um objeto que é presente para ambos os sujeitos. Há, a este respeito, um “encontro de mentes” entre ambos os sujeitos. (Eilan, 2005, p. 7; tradução nossa)<sup>1</sup>

Nessas quatro premissas básicas da noção de atenção conjunta, há um terceiro elemento, um objeto, por exemplo, na interação entre os sujeitos, de cuja presença ambos sabem e algum deles procura dirigir a atenção do outro por meio do estabelecimento de uma referência linguística.

O gesto de apontar é considerado um dos precursores da referência linguística na aquisição da linguagem que serve como recurso para atrair a atenção do outro para o objeto de contemplação (BRUNER, 1983, p. 75; CARPENTER; NAGELL; TOMASELLO, 1998, p. 20; TOMASELLO, 2003, p. 86-87).

Carpenter, Nagell e Tomasello (1998, p. 1) propõem que a habilidade de usar o gesto de apontar intencionalmente concretiza-se no próprio contexto da atenção conjunta, que envolve a referência triangular da criança, do adulto e do objeto ou evento ao qual compartilham a atenção. Assim, esse gesto é considerado triádico na medida em que são usados para mostrar ao outro alguma entidade externa e são declarativos, já que são usados no contexto atencional para atrair e dirigir a atenção do outro para alguma entidade externa (TOMASELLO, 2003, p. 86; CARPENTER; NAGELL; TOMASELLO, 1998, p. 20).

Para Bruner (1983, p. 69), a atenção conjunta desenvolve-se por volta dos seis meses de vida e envolve a capacidade da criança em redirecionar sua atenção acompanhando o foco de interesse do outro/mãe, e partilhando desse foco. Para se estabelecer a atenção conjunta, é necessário dirigir e direcionar a atenção do outro; atividade em geral mediada pela mãe, por meio de vocalizações, de gestos, ou da ação de colocar objetos entre ela e a criança como alvo para a atenção conjunta.

Em relação ao marco da consolidação da atenção conjunta, diferentemente de Bruner, o trabalho de Tomasello (2003, p. 85-86) parte da premissa de que o período dos nove aos doze meses de idade marca o início da participação da criança em atividades de atenção conjunta, ou seja, é nessa época que bebês começam a se envolver em cenas de atenção conjunta: a realizar acompanhamento de olhar, isto é, olhar para onde os adultos estão olhando; a participar junto com eles de interações sociais mediadas por um objeto; a estabelecer uma referência social, ou seja, usar o adulto como ponto de referência; e a agir sobre os objetos de forma semelhante como fazem os adultos por meio da atividade com inversão de papéis.

Independentemente do período da emergência da atenção conjunta, que difere nas constatações dos autores, é importante considerar, ao estudar o processo de consolidação da atenção conjunta, a observação de Aquino e Salomão (2009, p. 239) de que o desenvolvimento da habilidade de atenção conjunta ocorre em um contexto sociocultural permeado por ações compartilhadas entre seus parceiros sociais.

Diferentes estudos propõem que a atenção conjunta funciona como um pilar para a aquisição da linguagem (BRUNER, 1975, p. 255-287; 1983, p. 17-134; TOMASELLO; TODD, 1983, p. 197-212; DUNHAM; DUNHAM; CURWIN, 1993, p. 827-831; SIGMAN; KASARI, 1995, p. 189-203; BRAZ; SALOMÃO, 2002, p. 85-104; TOMASELLO, 2003, p. 77-186; BEHNE; CARPENTER; TOMASELLO, 2005, p. 259-275) e outros relacionam os contextos de atenção conjunta à linguagem, concluindo que eles possibilitam a ampliação do vocabulário infantil e a dinamicidade do diálogo entre os parceiros (TOMASELLO; FARRAR, 1986, p. 1454-1463; CARPENTER; NAGELL; TOMASELLO, 1998, p. 1-174; CARPENTER; TOMASELLO, 2000, p. 11-30).

Carpenter e Tomasello (2000, p. 33-40) argumentam que o papel da atenção conjunta é de suporte para a emergência da linguagem e relaciona-se ao fato de a primeira ser baseada em processos sociais mais básicos comparados ao da linguagem e por favorecer uma estrutura de compartilhamento entre os parceiros, na qual a criança tem a linguagem do adulto como referência. Assim, prejuízos nas habilidades de atenção conjunta vão trazer consequências negativas para a aquisição e para o uso da linguagem pela criança, ou seja, como afirmam Sigman e Kasari (1995, p. 199-200; tradução nossa), “se a atenção conjunta é necessária para a aquisição da linguagem, então as crianças que não desenvolvem atenção conjunta seriam severamente prejudicadas nas habilidades de linguagem”.<sup>2</sup>

Considerando as correlações positivas entre a atenção conjunta e a aquisição inicial da linguagem da criança ou entre os contextos de atenção conjunta e o aumento do vocabulário apontadas pelos estudos, Akhtar e Gernsbacher (2007, p. 195-207) têm criticado a generalidade dessas correlações e questionado a hipótese de que a atenção conjunta e o desenvolvimento do vocabulário apresentam uma relação de causalidade. Para os autores, as variações interculturais em estilos de interação pais/filho devem ser consideradas, pois a ocorrência dos comportamentos de atenção conjunta e do aumento do vocabulário não é universal

em todas as culturas. Além disso, a aquisição inicial de palavras pode ocorrer até mesmo em situações de não engajamento mútuo quando as crianças são capazes de responder aos sinais comunicativos do falante ao entendê-los.

Acreditamos, por um lado, que a aquisição da linguagem inicial estrutura-se nas interações iniciais entre mãe e bebê, face a face, que é configurada por situações diádicas. Por outro lado, no funcionamento da atenção conjunta, que contempla interações e recursos de linguagem mais complexos e sofisticados, a linguagem infantil adquire estruturas também mais complexas.

#### ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este artigo consiste em um estudo de caso de natureza longitudinal, do tipo naturalístico e de caráter qualitativo, com a participação da díade mãe-criança cega. Optamos por esse tipo de estudo para facilitar nossa análise do processo de mudanças qualitativas no decorrer das cenas interativas de atenção conjunta entre a mãe e a criança cega em aquisição da linguagem, uma vez que nosso enfoque será o do funcionamento de atenção conjunta desta díade particular, levando em consideração a trajetória linguística da criança e os elementos multimodais (fala, prosódia e gestos, com a inclusão do toque) como pistas para o seu estabelecimento ou a sua manutenção.

O *corpus* foi constituído por interações cotidianas entre a mãe e a criança cega em ambiente domiciliar, que foram filmadas em vídeo com duração média de 15 a 30 minutos, em intervalo quinzenal ou mensal, no período de um ano. Adotamos essa variação por possibilitar acompanhar as mudanças linguísticas qualitativas da criança nas cenas de atenção conjunta.

Para a análise das cenas de atenção conjunta entre a mãe e a criança cega, seguimos as seguintes etapas:

Etapa 1: Transcrição dos elementos multimodais (fala, prosódia e gestos) da mãe e da criança cega.

Para a transcrição da fala dos sujeitos, seguiremos algumas orientações de notações gráficas propostas por Marcuschi (2003) e Fonte (2011), como consta nas legendas a seguir:

[[	Falás simultâneas. Essa notação gráfica também foi utilizada para fala e gesto simultâneos
((	Gesto, movimento e postura corporais, olhar, tocar e/ou fala simultâneos do mesmo interlocutor.
:	Prolongamento do som.
Tempo cronometrado	Tempo de ocorrência da produção de linguagem
LETRAS MAIÚSCULAS	Ênfase
T	Turno discursivo

Etapa 2: Seleção das cenas interativas para a análise: a escolha das seis cenas teve como critérios diferentes contextos interativos (situações em que a criança assumia o papel de iniciar uma cena de atenção conjunta e situações em que a mãe assumia esse papel).

Etapa 3: Análise dos fragmentos: como o nosso propósito é investigar o funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega, adotamos a representação de planos de composição do envelope multimodal proposta por Ávila Nóbrega (2010), na qual há uma mescla de componentes multimodais (olhar, gestos e produção vocal) que ocorrem em um mesmo momento de tempo na interação. Além desses elementos do envelope multimodal elencados pelo autor, incluímos novos componentes, como o tocar, as marcações prosódicas e as qualidades vocais, que serão também descritas no plano prosódico.

Nesse sentido, foram delimitados os planos de composição da cena de atenção conjunta, nos quais emergem elementos que, em co-ocorrência, mostram o funcionamento multimodal da linguagem. Para isso, elegemos: planos do olhar/tocar, verbal, prosódico e gestual.

Esses planos foram inseridos em uma tabela de forma a podermos visualizar os elementos que compõem a atenção conjunta. A seguir, propomos analisar seis fragmentos referentes a cenas interativas entre a mãe e o filho cego.

#### CENAS DE ATENÇÃO CONJUNTA NA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA CEGA: UMA ANÁLISE

Nas análises, buscamos investigar o funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega em aquisição da linguagem.



As quatro cenas interativas abaixo expõem a iniciativa da criança em dirigir a atenção materna para o foco da interação ou em direcionar o comportamento da mãe para entregar-lhe o objeto da cena de atenção conjunta.

CENA 1: Mãe e criança cega brincam com esquema corporal. Com a criança no colo, a mãe está sentada na cadeira.						
IDADE: 1 ano, 8 meses e 15 dias.						
PLANOS DE COMPOSIÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA						
T	TOCAR (C)	GESTUAL (C)	VERBAL (C)	OLHAR/ TOCAR (M)	GESTUAL (M)	VERBAL/ PROSÓDICO (M)
05		04:39 [[permanece com a cabeça erguida e leva a mão direita em direção ao ombro esquerdo]]		[[olha para a criança]]		
06	04:40 [[toca com a mão direita no ombro esquerdo, prolonga o toque por 4s]]			[[olha para Davi e para o ombro dele]]		[[é u OM:BRU' é u ombru']]

Na brincadeira com esquema corporal, a criança cega elege um foco para o direcionamento de sua atenção, ao manter a cabeça erguida e dirigir a mão direita para o ombro esquerdo, conforme se apresenta no turno 5.

Porém, é somente no turno 6 (04:40) que a atenção direta para esse novo referente é consolidada, no momento em que a criança toca com a mão direita no ombro esquerdo, prolongando o toque por 4 segundos. Esse gesto direcionou a atenção materna para essa parte do corpo da criança, que se constituiu como foco da interação. Assim, por meio do toque da criança no próprio ombro, a atenção visual materna é atraída para esse foco, que passa a ser compartilhado entre os parceiros nessa cena interativa.

Constatamos, nesse foco mútuo, a ação simultânea dos planos de composição da atenção conjunta. O plano do tocar foi acionado pelo toque da criança no ombro. Esse gesto tátil pode substituir o papel do olhar para a criança cega e pode ser associado ao plano gestual, já que assume a função do gesto de apontar exploratório com a palma da mão (FONTE, 2006, p. 114) ao indicar essa parte do corpo. O plano do olhar materno funcionou como uma atenção de acompanhamento e como pista sugestiva de que a mãe passou a compartilhar do foco de atenção estabelecido pelo filho, ou seja, de que se engajou na cena de atenção conjunta. O plano verbal foi utilizado pela mãe, ao mencionar o nome do referente ora com o uso da ênfase ora com uma marcação neutra. A presença da *fala enfática* teve, nesse turno, a função de realçar o nome do referente ao qual a mãe passou a compartilhar a atenção com o filho. Logo, também foi evidenciado o uso do plano prosódico pela mãe.

Nota-se um funcionamento sincrônico entre a atenção direta promovida pela criança e a atenção de acompanhamento materna, que repercutiram no compartilhamento do foco comum entre os parceiros.

CENA 2: Criança e mãe brincam com a roupa que a criança ganhou de presente. A criança joga a roupa no chão, e mãe pega e entrega ao filho, que a joga novamente no chão e assim sucessivamente.						
IDADE: 1 ano, 11 meses e 16 dias.						
PLANOS DE COMPOSIÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA						
T	TOCAR (C)	GESTUAL (C)	VERBAL/ PROSÓDICO (C)	OLHAR (M)	GESTUAL (M)	VERBAL (M)
05		01:03 [[com os braços estendidos, direciona a cabeça para baixo e inclina discretamente o corpo para frente]]	[[CAI:U]]	[[olha para o objeto]]	[[pega o objeto]]	

O engajamento da criança cega na cena de atenção conjunta é mediado pelo interesse no objeto. O movimento e o posicionamento do seu corpo sinalizam sua atenção para o objeto, na medida em que, com os braços estendidos, direciona a cabeça para baixo, inclinando discretamente o corpo à frente. Simultaneamente ao movimento corporal, evidencia-se a produção verbal: /CAI:U<sup>7</sup>/ com uma marcação enfática, ao alongar a duração da sílaba tônica da palavra. Desse modo, os planos gestual, verbal e prosódico foram utilizados pela criança para dirigir a atenção materna para o objeto caído.

A fala acompanhada da gestualidade corporal, ou seja, do direcionamento da cabeça e inclinação do corpo para a localização do objeto, constituiu uma tentativa de a criança dirigir a atenção materna para o objeto. A orientação da cabeça para o objeto pode substituir o papel do apontar na cena de atenção conjunta, funcionando como um recurso para atrair e dirigir a atenção do outro para o objeto de contemplação.

A importância dessa gestualidade foi levantada por Preisler (1995, p. 105) ao observar a criança cega apontando com a cabeça quando interagia com seus pais. Iverson e Goldin-Meadow (1997, p. 454) também destacam essa gestualidade ao propor que pistas corporais podem ser usadas pela criança cega na interação com os outros.

Nessa cena, a tentativa da criança de direcionar a atenção materna para o objeto repercutiu na emergência da linguagem oral associada a gestos. Logo, esse tipo de contexto interativo contribuiu para a criança assumir o turno como falante.

CENA 3: Mãe penteia os cabelos de Davi até ele pegar a escova de sua mão.						
PLANOS DE COMPOSIÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA						
Idade: 2 anos e 25 dias	TOCAR (C)	GESTUAL (C)	VERBAL (C)	OLHAR (M)	GESTUAL (M)	VERBAL (M)
02	11:38 [[toca na escova com a mão esquerda]]	[[com os braços erguidos]]	[[dá <sup>7</sup> ]]	[[olha para a criança e para o objeto]]	[[segurando a escova, continua a pentear os cabelos da criança]]	

Com interesse na escova, a criança cega solicita o objeto a sua mãe por meio da produção verbal /dá/. Logo, reconhece que a escova

encontra-se com ela diante dos seus cuidados de pentear os cabelos. Ao mesmo tempo em que solicita o objeto, mantém os braços erguidos, favorecendo o toque nele com sua mão esquerda.

Esse pedido da criança configurou-se por uma única palavra falada associada ao toque, o qual pode funcionar como gesto referencial diante da especificidade da cegueira, ao servir como pista de referência ao objeto que deseja.

O olhar materno voltado ao filho e ao objeto permitiu a observação da gestualidade e da atenção tátil da criança. Apesar disso, a mãe não atendeu ao pedido do filho, continuando a pentear o cabelo dele. Além da função de atenção de acompanhamento, o foco visual materno direcionado ao mesmo objeto sinalizou que ambos os interlocutores partilham do foco de atenção e interesse, a mãe pelo olhar e ao manusear o objeto nos cuidados com o filho, e a criança ao tocar o objeto na mesma ocorrência temporal. Logo, configura-se uma cena de atenção conjunta entre a criança cega e sua mãe.

CENA 4: Mãe estimula o resíduo visual da criança com uma lanterna.						
IDADE: 2 anos, 4 meses e 18 dias.						
PLANOS DE COMPOSIÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA						
T	TOCAR (C)	GESTUAL (C)	VERBAL (C)	OLHAR/ TOCAR (M)	GESTUAL (M)	VERBAL (M)
05		13:47 ((estende o braço))	((ui' ui'))	((olha para a filmadora))	((afasta mais o objeto))	

Na cena interativa 4, a criança cega realiza uma atenção direta, durante a qual ela articula o plano gestual, ao estender o braço, com o verbal, ao nomear, duas vezes consecutivas, o referente, conforme se apresenta no turno 5: /ui' ui'/. Essa sincronização no uso dos planos sugere a emergência do gesto imperativo para solicitar o referente cujo nome a criança falou. A mãe não atendeu à solicitação, uma vez que o seu olhar, voltado a outra direção, não pôde captar o gesto imperativo.

A criança usou gestos imperativos, como estender o braço, integrados a produções verbais. Constatamos que a atenção direta promovida pela criança constituiu-se por elementos multimodais linguísticos: gestos articulados a produções verbais.

Nas quatro cenas analisadas, observamos mudanças qualitativas na criança para direcionar a atenção ou o comportamento materno. Na primeira, a criança utilizou menos recursos para direcionar a atenção materna, a criança acionou o plano do tocar ou o gestual, mas não utilizou o plano verbal. Já nas demais cenas, observamos o uso do plano verbal articulado ao plano do tocar ou o gestual. Nessas últimas cenas, produções verbais e gestualidades emergiram no contexto e exerceram um papel relevante para a consolidação da cena de atenção conjunta.

A seguir, analisaremos duas cenas interativas, nas quais a mãe assumiu a iniciativa de direcionar a atenção da criança para os focos da interação: rosto e bola, respectivamente. O direcionamento materno para esses focos contribuiu para a constituição da atenção conjunta com a criança e sua inserção na linguagem.

CENA 5: Brincadeira com esquema corporal entre mãe e criança.						
IDADE: 1 ano, 8 meses e 15 dias.						
PLANOS DE COMPOSIÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA						
T	TOCAR (C)	GESTUAL (C)	VERBAL/ PROSÓDICO (C)	TOCAR (M)	GESTUAL (M)	VERBAL/ PROSÓDICO (M)
13	05:02 ((olha para a criança))	((pega nas mãos da criança))	(fala infantilizada e diminuição da intensidade) ((i u rostinhu onde tá?))			
14	05:04 [[mantém o olhar para a criança, para a face dela]]	[[desliza as mãos da criança sobre o rosto por 4s até o término da emissão]]	(fala infantilizada e falsetto) [[ó u rostinhu de:li]]		[[mantém a cabeça voltada para baixo]]	

A mãe realiza uma atenção direta ao introduzir na atividade um novo referente, uma nova entidade a ser situada no espaço, ou seja, no corpo o filho com o intuito de direcionar a atenção dele para essa entidade, representada pelo rosto. Para isso, no turno, pega nas mãos da criança e pergunta-lhe sobre a localização desse referente com uma

entonação ascendente, com a diminuição da intensidade e a fala infantilizada ao usar o diminutivo.

Diante da ausência de resposta do filho, no turno seguinte, a mãe indica espacialmente a localização do rosto dele por meio do plano gestual, no qual desliza as mãos do filho sobre o rosto dele por um período de 4 segundos até o término de sua emissão, que nomeia esse referente com uma qualidade vocal em *falsetto* e a fala infantilizada caracterizada pelo uso da palavra no diminutivo. De acordo com Silva, Lira e Cavalcanti (2001, p. 52-53), o *falsetto* e o uso de diminutivos tendem a surgir na fala materna ao fazer referência a um objeto, conforme ocorreu nesse fragmento quando a mãe fez referência ao rosto da criança cega.

Para direcionar a atenção da criança, a mãe fez uso de recursos dos planos gestual, verbal e prosódico, simultaneamente. No plano gestual, o toque exploratório, por meio do deslizamento das mãos da criança sobre o rosto, contribui para a percepção dessa parte do corpo escolhida como foco da atenção dirigida pela mãe. No plano verbal e prosódico, ao mencionar o nome do foco da interação com as qualidades vocais em *falsetto* e infantilizada. Essas qualidades vocais assumiram o papel de destacar o foco de atenção dirigido pela mãe, que visava a promover o engajamento da criança cega nesse mesmo foco atencional.

CENA 6: Brincadeira com a bola.						
IDADE: 2 anos, 7 meses e 20 dias.						
PLANOS DE COMPOSIÇÃO DA ATENÇÃO CONJUNTA						
T	TOCAR (C)	GESTUAL (C)	VERBAL/ (C)	TOCAR (M)	GESTUAL (M)	VERBAL/ PROSÓDICO (M)
35	08:17 ((olha para a bola))		((ó a bola' chuta'))		08:18[[chuta a bola]]	(volume alto) [[CHUTÔ::]]
36						
37			08:19 CHUTÔ::			
38			08:21 [[ a bo::]]			

Nessa última cena interativa, observa-se a atenção direta materna, na qual a mãe utiliza o termo referencial “ó” antes de fazer menção ao nome dele. Essa palavra funcionou como um recurso para dirigir a atenção do filho para a bola. Depois de nomear o objeto, foco da atenção conjunta, a mãe solicita que ele chute o objeto. A criança engaja-se na interação de atenção conjunta ao realizar o chute sem o monitoramento materno, como observamos no turno 36.

No turno seguinte, em sua fala, a mãe realça essa ação da criança por meio do alongamento de sua duração; esse fato sugere que ela estava observando a ação do filho diante da bola.

Já no turno 38, a mãe emite o nome do objeto de atenção mútua com a extensão da duração da sua primeira sílaba. No mesmo tempo correspondente, a criança ri, dá pulos de ponta de pé e produz a palavra mencionada anteriormente pela mãe com o volume vocal alto e com o mesmo alongamento de sua duração. Desse modo, destaca com ênfase a atividade realizada, o que mostra o envolvimento prazeroso da criança na brincadeira e a manutenção do seu foco de atenção e de interesse na atividade com a bola.

Com base nessas duas últimas cenas interativas analisadas, observa-se que, na primeira, a criança não tem iniciativa de engajar na interação; portanto, não direciona sua atenção para o foco proposto pela mãe. Assim, a mãe dirigiu e monitorou o movimento da criança para tocar no foco da interação. Nas demais cenas, a criança engaja-se na interação, dirigindo sua atenção e seu interesse para o foco da interação sem necessitar do direcionamento materno. Nesses engajamentos, a criança posiciona-se como falante que faz uso de diferentes recursos multimodais – gesto, toque e produção verbal –, sinalizando sua entrada na cena de atenção conjunta.

As seis cenas interativas mostraram mudanças qualitativas em relação às aquisições linguísticas da criança, com o uso de elementos multimodais da linguagem, que contribuíram para a constituição ou manutenção da atenção conjunta entre a mãe e a criança e, consequentemente, para a emergência da linguagem da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados longitudinais das interações cotidianas entre a mãe e a criança cega mostraram que o funcionamento da atenção conjunta nessa diáde peculiar é mediado pelos planos do tocar, do olhar, o ato gestual e o verbal ou prosódico.

O tocar, como instância de apontar, os gestos e as produções verbais tiveram papéis significativos nos contextos em que criança cega procurava direcionar a atenção materna para o foco da interação ou influenciar a ação da mãe para entregar determinado objeto de seu interesse.

As gestualidades realizadas pela criança cega foram mediadas pelo toque, por movimentos corporais e gestos de estender ou erguer os braços. Nas cenas em que a criança já assumia seu papel de falante, essas gestualidades estavam associadas à fala, contribuindo para o estabelecimento de uma cena de atenção conjunta com a mãe.

Nas cenas interativas em que a mãe assumia o papel de atrair e direcionar a atenção da criança cega para o foco da interação, os planos de composição de atenção conjunta envolveram uma dinâmica processual, modificando-se ao longo do tempo e acompanhando as novas aquisições da criança (gestuais e verbais).

A participação da criança cega em cenas de atenção conjunta contribuiu para a aquisição linguística. Além disso, ao longo do tempo, nesses tipos de interação, a linguagem da criança mostrou-se mais dinâmica, estruturada e com novas complexidades.

Os dados sugerem que cenas de atenção conjunta constituem momentos privilegiados para a aquisição da linguagem pela criança e que o funcionamento da atenção conjunta na criança com cegueira ocorre primordialmente com a inclusão do toque e da voz/fala – recursos primordiais para a inserção da criança cega na linguagem.

---

SCENES OF JOINT ATTENTION IN THE INTERACTION MOTHER-BLIND CHILD:  
CONTRIBUTIONS IN THE LANGUAGE ACQUISITION

### ABSTRACT

This article proposes to investigate the functioning of joint attention in the interaction mother-blind child. Based in socio-cognitive perspective, proposed



by Tomasello (2003), we conducted a longitudinal investigation, in which we filmed daily interactions occurred with this dyad in the home environment for approximately one year. Our data revealed that scenes of joint attention constitute privileged moments for the entry of the child in the language and that the functioning of joint attention in blind child occurs with the inclusion of touch and in the voice, which serves as primary resources for the inserction of the child in the language.

KEY WORDS: joint attention, language acquisition, blindness.

---

## NOTAS

- 1 There is an object that each subject is attending to, where this implies (a) a causal connection between the object and each subject, and (b) awareness of the object by each subject. There is a causal connection of some kind between the two subjects' acts of attending to the object. The two subjects' experiences exploit their understanding of the concept of attention. Each subject is aware, in some sense, of the object *as* an object that is present to both subjects. There is, in this respect, a 'meeting of minds' between both subjects.
- 2 If joint attention is necessary for language acquisition, then children who do not develop joint attention should be severely impaired in language abilities.

## REFERÊNCIAS

AKTHAR, Nameera; GERNSBACHER, Morton Ann. Joint attention and vocabulary development: a critical look. *Language and Linguistic Compass*, v. 1, n. 3, p. 195-207, 2007.

AQUINO, Fabíola; SALOMÃO, Nádia. Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

ÁVILA NÓBREGA, Paulo Vinícius. *Dialogia mãe-bebê: a emergência do envelope multimodal em cenas de atenção conjunta*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

BALDWIN, Dare. Understanding the link between joint attention and language. In: MOORE, Chris; DUNHAM, Philip (Orgs.). *Joint attention: its origins and role in development*. New York: Psychology Press, 1995. p. 131-158.

BARON-COHEN, Simon. The eye direction detector (EDD) and the shared attention mechanism (SAM): two cases for evolutionary psychology. In: MOORE, Chris; DUNHAM, Philip (Orgs.). *Joint attention: its origins and role in development*. New York: Psychology Press, 1995. p. 41-59.

BEHNE, Tanya; CARPENTER, Malinda; TOMASELLO, Michael. One-year-olds comprehend the communicative intentions behind gestures in a hiding game. *Developmental Science*, v. 8, n. 6, p. 492-499, 2005. Disponível em: <[http://email.eva.mpg.de/~tomas/pdf/behne\\_commint\\_05.pdf](http://email.eva.mpg.de/~tomas/pdf/behne_commint_05.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2009.

BIGELOW, Ann. The development of joint attention in blind infants. *Development and Psychopathology*, v. 15, p. 259-275, 2003.

BRAZ, Fabíola; SALOMÃO, Nádia. Episódios de atenção conjunta em um contexto de brincadeira livre. *Interações*, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 85-104, 2002.

BRATEN, S. (Eds.). First things first: infants make good use of the sympathetic rhythm of imitation, without reason or language. *Journal of Child Psychotherapy*, v. 31, n. 1, p. 91-113, 2005.

BRUNER, Jerome. From communication to language: a psychological perspective. *Cognition*. USA, 3(3), p. 255-287, 1975.

BRUNER, Jerome. *Child's talk: learning to use language*. New York/London: W.W Norton & Company, 1983.

BUTTERWORTH, George. Origins of mind in perception and action. In: MOORE, Chris; DUNHAM, Philip (Orgs.). *Joint attention: its origins and role in development*. New York: Psychology Press, 1995. p. 29-40.

CARPENTER, Malinda; NAGEL, Katherine; TOMASELLO, Michael. Social cognition, joint attention and communicative competence from 9 to 15 months of age. *Monographs of the society for research in child development*, v. 63, n. 4, p. 1-174, 1998.

CARPENTER, Malinda; TOMASELLO, Michael. Joint attention, cultural learning and language acquisition: implications for children with autism. In: WETHERBY, Amy; PRIZANT, Barry (Orgs.). *Autism spectrum disorders: a transactional developmental perspective*. Brookes Publishing Company, 2000. p. 11-30.

CAVALCANTE, Marianne. A natureza do gesto de apontar em aquisição da linguagem: um estudo exploratório. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *A multimodalidade em aquisição da linguagem*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2010. p. 9-36.

DUNHAM, Philip; DUNHAM, Frances; CURWIN, Ann. Joint attentional states and lexical acquisition at 18 months. *Developmental Psychology*, v. 29, n. 5, p. 827-831, 1993.

- DUNHAM, Philip; MOORE, Chris. Current themes in research on joint attention. In: MOORE, Chris; DUNHAM, Philip (Orgs.). *Joint attention: its origins and role in development*. New York: Psychology Press, 1995. p. 15-28.
- DUNHAM, Philip (Orgs.). *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EILAN, Naomi. Joint attention, communication and mind. In: EILAN, N. et al. (Eds.). *Joint attention: communication and other minds*. Oxford: Clarendon Press, 2005. p. 1-46.
- FONTE, R. *Estratégias maternas na interação com gêmeos, cego e vidente na aquisição da linguagem*. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- FONTE, R. *O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- JONES, Emily; CARR, Edward; FEELEY, Kathleen. Multiple effects of joint attention intervention for children with autism. *Behavior Modification*, v. 30, n. 6, p. 782-834, 2006.
- KAPLAN, Frédéric; HAFNER, Verena. The challenges of joint attention. *Interaction Studies*, v. 7, n. 2, p. 135-169, 2006.
- LISZKOWSKI, Ulf et al. Twelve-month-olds point to share attention and interest. *Developmental Science*, v. 7, n. 3, p. 297-307, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MIGUENS, Sofia. Conceito de crença, triangulações e atenção conjunta. In: \_\_\_\_\_; MAURO, C. (Org.). *Perspectives on Rationality*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. p. 100-118.
- MUNDY, Peter; NEWELL, Lisa. Attention, joint attention and social cognition. *Association for Psychological Science*, v. 16, n. 5, p. 269-273, 2007.
- IVERSON, Jana; GOLDIN-MEADOW, Susan. What's communication got to do with it? Gesture in children blind from birth. *Developmental Psychology*, v. 33, n. 3, p. 453-467, 1997. Disponível em: <[http://goldin-meadow lab.uchicago.edu/PDF/1997/Iverson\\_GM1997.pdf](http://goldin-meadow lab.uchicago.edu/PDF/1997/Iverson_GM1997.pdf)>. Acesso em: 30 jun. 2010.
- PREISLER, Gunilla. M. The development of communication in blind and in deaf infants: similarities and differences. *Child: care, health and development*, v. 21, n. 2, p. 79-110, 1995.

- SIGMAN, Marian; KASARI, Connie. Joint attention across contexts in normal and autistic children. In: MOORE, C.; DUNHAM, P. (Orgs.). *Joint attention: its origins and role in development*. New York: Psychology Press, 1995. p. 189-203.
- SILVA, Francisco; LIRA, Patrícia; CAVALCANTI, Soraia. Aspectos do processo de referenciação na aquisição da linguagem: do linguístico ao extralinguístico. *Ao pé da letra* (UFPE, Impresso), Recife, v. 3, n. 2, p. 47-58, 2001.
- SOUSA, Ana; BOSA, Cleonice; HUGO, Cristina. As relações entre deficiência visual congênita, condutas do espectro do autismo e estilo materno de interação. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 22, n. 4, p. 355-364, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 11 set. 2009.
- TOMASELLO, Michael; TODD, Jody. Joint attention and lexical acquisition style. *First Language*, v. 4, p. 197-212, 1983.
- TOMASELLO, Michael; TODD, Jody; FARRAR, Michael. Joint attention and early language. *Child Development*, v. 57, p. 1454-1463, 1986.
- TOMASELLO, Michael. Joint attention as social cognition. In: MOORE, Chris; DUNHAM, Philip (Orgs.). *Joint attention: its origins and role in development*. New York: Psychology Press, 1995. p. 103-130.
- TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TOMASELLO, Michael; CARPENTER, Malinda. Shared intentionally. *Development Science*, v. 10, n. 1, p. 121-125, 2007.
- TREVARTHEN, Colwyn. Communication and cooperation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: BULLOWA, Margaret (Ed.). *Before speech: the beginning of interpersonal communication*. Cambridge University Press, 1979.
- TREVARTHEN, Colwyn. The concept and foundations of infant intersubjectivity. In: BRATEN, S. (Eds.). *Intersubjective communication and emotion in early ontogeny*. Cambridge University Press, USA, 1998. p. 15-46.
- TREVARTHEN, Colwyn. First things first: infants make good use of the sympathetic rhythm of imitation, without reason or language. *Journal of Child Psychotherapy*, v. 31, n. 1, p. 91-113, 2005.